

MOACIR WERNECK DE CASTRO\*

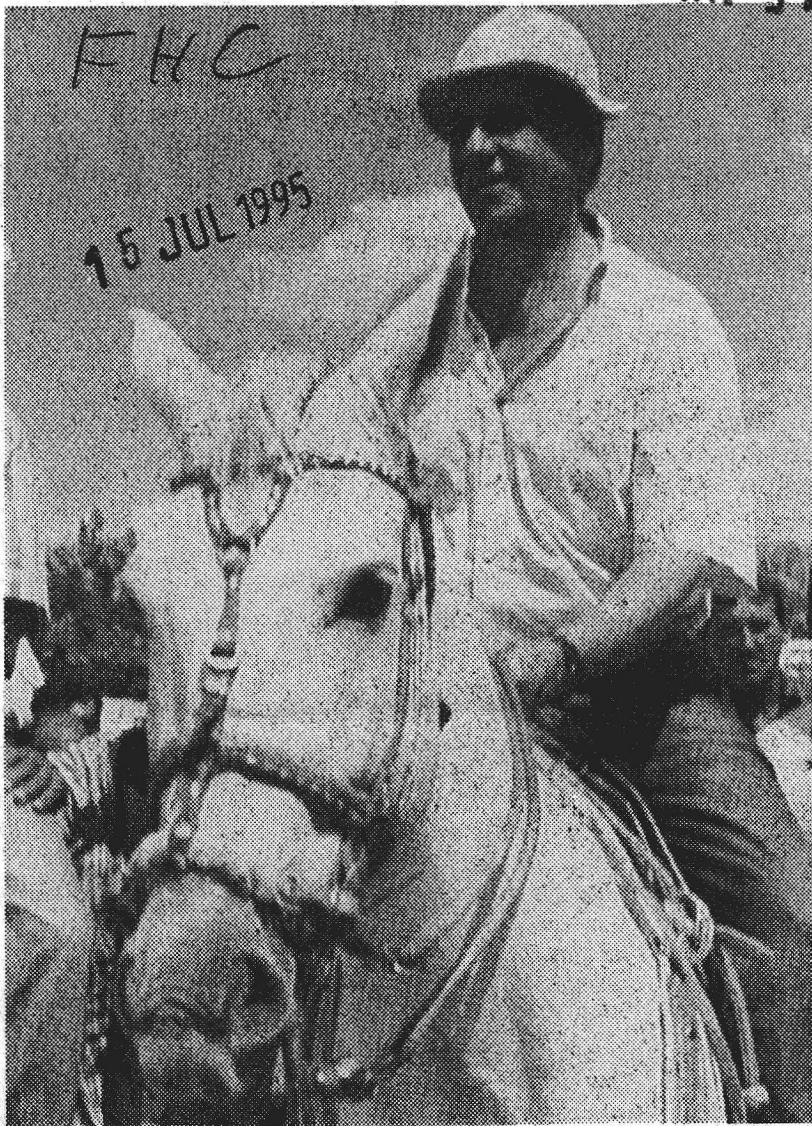
**I**ntelligentsia é uma palavra de origem russa que ganhou circulação mundial já no século passado. Designa uma camada de pessoas cultas com papel dirigente numa vanguarda intelectual, social e política. Tem um sentido elitista que costuma desagradar. Oswald de Andrade dirigiu contra o termo sua sátira afiada. Para ele, muitos dos expoentes da *intelligentsia* o que de fato representavam era a *burritsia*.

O assunto ganhou atualidade entre nós com as reflexões de Fernando Henrique Cardoso sobre inteligência e burrice em política. "Só o PFL tem direito de ser inteligente?", perguntava ele, e acrescentava: "Para ser de esquerda, não é preciso ser burro." Era uma crítica que visava ao seu próprio partido, o PSDB.

O presidente da República, membro de proa da *intelligentsia* acadêmica nacional, traz ao primeiro plano das especulações a figura do burro. Vamos, pois, nos deter nela.

O pobre asinino — burro, asno, mulo, jegue — é uma vítima antiga da opressão que o homem exerce sobre os animais domesticados. Tem vivido sob o signo da humilhação, esmagado pela beleza e prestígio do seu irmão bem-sucedido, o cavalo. Por isso mesmo mereceu a ternura de escritores, como o saudoso Álvaro Moreyra. Jean Buridan o tomou como tema de uma alegoria filosófica até hoje muito citada, o "asno de Buridan". La Fontaine lhe dedicou uma porção de fábulas. O poeta Juan Ramón Jiménez exaltou-o amorosamente em *Platero y yo*, a bela "elegia andaluza": "É terno e mimoso, igual a um menino, a uma menina... Tem aço. Aço e prata de lua ao mesmo tempo."

Leio numa enciclopédia esta descrição do jegue brasileiro, aquele ani-



mal que um dia carregou nas costas o candidato Fernando Henrique:

"Resistindo tenazmente às agruras das secas, sóbrio e mal nutrido, alimenta-se com o que encontra à beira dos caminhos ou nos arredores das feiras: capins, restos de verduras e de frutas, folhas e até cascas de árvores. Sobrecarregado com pesadas cargas, transportando mantimentos, lenha, água e os

mais variados objetos, leva, ainda, por vezes, em seu dorso, seu condutor."

O burro, está se vendo, é um perfeito símbolo do brasileiro pobre. Como pouco, trabalha muito, carrega no lombo toda sorte de fardos e serve de montaria aos que o exploram. Reage com estoicismo às maldades de que é vítima; mas, quando se rebela, empaca

de tal maneira que não há chicote que o faça andar.

A esquerda internacional, num de seus momentos de maior sectarismo, quis representar como burros alguns dos mais puros e brilhantes intelectuais, como se viu no auge da "Revolução Cultural" chinesa, quando os Guardas Vermelhos obrigaram veneráveis sábios e artistas a desfilar, debaixo de vaia e humilhações, com orelhas de burro.

O veterano deputado comunista alemão Augusto Bebel, ao ser aplaudido pelos adversários no Reichstag, perguntava com os seus botões: "Velho Bebel, que burrice você andou cometendo?"

Ao lado da esquerda inteligente, a esquerda burra (que tanto pode ser acomodada como a sectária, dependendo da situação) sempre existiu: faz parte da fatalidade das revoluções. Mas o nosso presidente, intelectual *doublet* de político, além de ser injusto com o burro, vê a esquerda tão complacente, tão casa-da-mãe-joana, que a considera capaz de absorver, juntos, os programas dos partidos que governam o Brasil.

É pretensão demais querer que a esquerda fique inteligentíssima e moderníssima, a ponto de elogiar a "grande sensibilidade social" de ACM e companhia, como faz o ministro Francisco Weffort, egresso do PT. É muita ambição querer que a esquerda em geral, renegando os seus princípios com a mesma ligeireza do próprio Fernando Henrique, passe a queimar o que adorou e adorar o que queimou, como exigia o bispo Remígio ao convertido rei franco Clóvis.

Esperemos, com asinina paciência, que fale a História. Então teremos bem delimitados os campos da *intelligentsia* e da *burritsia*. Quem viver verá.